**RELATÓRIO ARTIGO SOBRE O FACEBOOK E VÍDEO DA SHERRY TURKLE**

Carolina Batista Monteiro - RA: 167772

No artigo analisado para a aula, o Facebook é tido como o meio de comunicação mais poderoso e popular atualmente, utilizando de estudos acadêmicos que mostram que seu uso frequente produz alterações no cérebro. Ele torna o usuário mais narcisista, impulsivo, menos preocupado com o sentimento alheio, e mais infeliz por causa da constante comparação com a aparente felicidade dos demás estampada na tela o tempo todo. Também, aborda um estudo que analisa a geração atual: "os jovens que cresceram usando internet, tem 40% menos empatia que os jovens de três décadas atrás". A explicação é que na rede online é muito mais fácil ignorar as críticas e as emoções das pessoas, consequentemente, esse comportamento acaba sendo reproduzido na vida fora das redes ao longo do tempo. Além da indiferença e o narcisismo, há o ódio, já que, por não estarem frente a frente, as pessoas se sentem mais à vontade para trocar acusações e insultos, bastando um clique para difundir e potencializar a agressão dentro da internet.

O artigo também apresenta um teste curioso. Além do Facebook monitorar de forma silenciosa - por meio do botão de "like" em blogs e sites - o usuário pela web assim como o Google, para as páginas terem mais alcance, o usuário teria que pagar taxas ao Facebook. Ao pagar, o Facebook te garante um determinado número de likes que, segundo o teste do autor, vem de robôs maioritariamente, não de pessoas reais que provavelmente avaliaram e gostaram de sua página. Acredito que o fato de serem robôs é o que faz com que essa medida seja incabível, já que, a expectativa do usuário que paga essa taxa é de ter mais alcance, mais pessoas visualizando e conhecendo o conteúdo de sua página, não robôs. Robôs não interagem, não comentam, não engajam, são apenas números. Também, o Facebook omite seu *modus operandi* em relação a essa dinâmica, gerando uma desconfiança do usuário em relação à plataforma. Esses robôs e a vigilância do Facebook sob os passos do usuário na internet remetem à dinâmica do algoritmo do próprio Google, que utiliza de cookies e adsenses para conhecer as preferências do usuário de maneira dissimulada, com o intuito de disponibilizar informações ao mesmo e induzi-lo a gastar ou a se manter em uma bolha limitante da realidade, enquanto a empresa gera seu lucro.

Agora analisando o vídeo do TED Talks da Sherry Turkle, a pesquisadora apresenta premissas muito interessantes e de importante reflexão sobre as novas tecnologias do nosso dia a dia. Diz que os dispositivos móveis são tão potentes psicologicamente que não só modificam o que fazemos, mas quem somos, gerando problemas na forma que nos relacionamos com nós mesmos e com os outros. Ocorre o fenômeno de nos acostumar em "estarmos sozinhos juntos", porque a conversa hoje, se tornou uma dificuldade. Seu problema principal é sua ocorrência em tempo real, onde você não pode controlar realmente o que vai acontecer e como vai falar de fato (voz falha, gagueja, etc). Nos confortamos com textos, postagens, emails pois permitem apresentar o ser que gostariamos de ser, trocando a conversa por uma mera conexão. Porém, afastar a conversa é afastar nossa habilidade de auto-reflexão segundo a autora. A sensação de que ninguém está nos ouvindo é muito importante para entender a relação com a tecnologia, pois nos leva a querer passar tempo com dispositivos que parecem gostar da gente. Por isso é tão atraente estar no Facebook, ele nos faz acreditar que há muita gente nos ouvindo automaticamente após uma postagem. Ademas, também temos um problema com a solidão, pois estar sozinho nos gera angústia e ansiedade, levando à necessidade de ser resolvida, curada, então as pessoas tentam resolvê-la pela conexão. E é justamente nesse processo de se conectar para sentir uma companhia, que terminamos isolados. O isolamento ocorre pela falta de habilidade de se estar só. Quando não temos a habilidade de estarmos a sós, procuramos outras pessoas para nos sentirmos menos ansiosos, ou para nos sentirmos vivos, usando-as como sustento de nossa fragilidade. O importante é desenvolver um relacionamento mais auto-consciente, com nós mesmos principalmente e com os outros, para isso é importante reconhecer e lidar com nossa vulnerabilidade

É importante refletir também sobre como se adaptar ao isolamento social, causado pela atual pandemia, em relação à tecnologia. Nossa vida social acaba dependendo das redes sociais e plataformas de reuniões, como o Google Meets, o que pode gerar uma maior exposição e dependência psicológica desses meios. Para tentar apaziguar esse conflito, é preciso disciplina e equilíbrio no dia a dia. Ter horários determinados para acessar o Facebook ou WhatsApp por exemplo, mas também para conversar pessoalmente com as pessoas que vivem conosco. No caso das pessoas que moram sozinhas, tentar outros meios para comunicação fora da internet, como o telefone por exemplo.

Dessa forma, de acordo com esses dois materiais estudados, é possível concluir que as redes sociais não são tão sociais assim, ou pelo menos, não estimulam a socialização da forma como é vendida. Pegando o Facebook ainda como exemplo de análise, ele utiliza de robôs para auxiliar na promoção de páginas, como dito anteriormente, ao invés de viabilizar o acesso de pessoas reais à comunidade, que consequentemente carrega a presença de outras pessoas interessadas no mesmo assunto, possibilitando um engajamento coletivo. Além disso, o narcisismo, a indiferença, o ódio, a competição e o medo da solidão potencializados ao extremo por essas redes, podem causar maior individualismo e, portanto, o afastamento do indivíduo do meio social, o que é contrário à proposta inicial da rede. Assim, pensando em estratégias para facilitar as conexões interpessoais nesses meios, é preciso refletir primeiramente sobre a forma que queremos nos conectar. Tentar entender nossas vulnerabilidades é o primeiro passo para se blindar das negatividades proferidas nesses ambientes de competição, estimuladas pela dinâmica capitalista primordialmente de que “existe aquilo que é o melhor e aquilo que é o pior”. Compreender isso pode apaziguar a forma com que nos enxergamos dentro das redes sociais e se de fato existe uma necessidade da nossa permanência constante nelas.